

LEF, cinema e revolução na Rússia soviética

O debate da *LEF**

FRANÇOIS ALBERA**

O debate interno da *LEF* publicado no número 11-12 da *Novyi Lef* (1927) buscava definir a posição do grupo frente à Conferência sobre o cinema convocada pelo partido bolchevique para 1928. Quaisquer que fossem as ilusões que seus participantes alimentavam quanto aos responsáveis políticos, esse debate é particularmente interessante ao reivindicar o cinema documentário e rejeitar o cinema “artístico” ou de “encenação” questionando *a parte da encenação no documentário*. Visando à definição de uma *posição* para essa Conferência sobre o cinema, a primeira do gênero, as problemáticas diferem daquelas que atravessam os textos de Vertov, ainda que estes fossem reputados coletivos e enxertados sobre exigências políticas. Aqui as tarefas assumidas são muito concretas e os exemplos o atestam: trata-se do trabalho cotidiano, nos estúdios (ou fábricas) – ou antes externo aos estúdios (atelês) –, diante do público, dos que encomendam, da linha política. Trata-se, ao mesmo tempo, de algo alheio ao que geralmente se entende

* LEF é a abreviação de *Levogo Fronta Iskusstv* (Frente de Esquerda das Artes), denominação de um grupo de artistas responsável pela publicação das revistas *LEF* (1923-5) e, posteriormente, *NovyiLEF* (1927-8), nas quais se difundiam propostas estéticas construtivistas e produtivistas. Os signatários do primeiro número de *LEF* foram Aseev, B. Arvatov (1896-1940), O. Brik (1888-1945), B. Kushner (1888-1937), V. Mayakovski (1893-1930), S. Tret'yakov (1892-1937) e N. Chuzak (1876-1937). A primeira reunião pública dos Trabalhadores da Frente de Esquerda das Artes ocorreu em Moscou em 16-17 de janeiro de 1925. A auto-organização de artistas na *LEF* respondeu à fundação paraoficial em 1922 da AKhRR (Associação de Artistas da Rússia Revolucionária), que atuou como centro de difusão do “realismo socialista”. (Nota do tradutor. A tradução, revista pelo autor, é de Luiz Renato Martins).

** Professor da Universidade de Lausanne. *E-mail*: francois.albera@unil.ch.

por propaganda. Os “leftistas” inflectiram então o seu engajamento artístico indo do construtivismo ao produtivismo: a recusa da “pose de artista” em prol de um funcionalismo os levou a uma diluição da estética no social, na “vida” – que se busca *desse jeito* revolucionar ou reconstruir (as questões do “modo de vida”, o *byt*, eram então centrais para essa corrente: quer dizer a mudança das mentalidades). Com este fim, prevalece um “factualismo”, uma arte dos fatos. Como há uma literatura factual na qual os subgêneros da reportagem, da biografia, do relatório são valorizados às expensas do romance, das narrativas de enredo, o cinema deve buscar uma literalidade, e respeitar ao máximo o material.

Esses debates coincidem com outros no mundo que giram todos em torno de uma suspeita quanto à ficção ou às elaborações narrativas: notadamente entre os surrealistas, ou mais tarde, nos Estados Unidos, entre os objetivistas. Todos põem em causa o seu próprio domínio artístico em nome da literalidade da fotografia ou do cinema.

Ossip Brik e Viktor Chklovski deslocam a oposição fundadora da doutrina “formalista” – entre a *fábula* (desenvolvimento linear, causal dos acontecimentos do relato) e a *trama* (encenação da fábula) – para uma oposição cujas questões são extraestilísticas: aquela da *trama* e da *fábula* com o *material* – ou seja, da relação com o objeto externo, no caso extrafilmico. O debate da *LEF* gira majoritariamente em torno desses dois pólos distinguindo os graus de “falsificação” do material. Chklovski escreveu que na literatura a fábula e a trama *oprimiam* o material; analogamente Kulechov afirmava que no cinema a ficção oprimia as atualidades (cinejornal). Que todo objeto – ou material – filmado torne-se um material filmico (bidimensional etc.) e, daí, que nunca se lide por isso com a “realidade” não escapou aos protagonistas dessa discussão. Mas a intensidade de seus debates e a sutileza de suas “descorticações” da imagem filmica em “níveis” ou “graus” responde a uma outra preocupação do que àquela de uma definição “essencialista”: elas visam à definição das posições, busca-se, em suma, uma *política* da imagem. A esse respeito a fórmula godardiana – não o reflexo da realidade mas a materialidade de tal reflexo (“*non le reflet de la réalité mais le réel de cette réflexion*”) – caberia completamente. Desde que se disse que “toda imagem é ficção” – posto que construída, escolhida etc. – e que a oposição vertoviana do “encenado” e do “não encenado” era simplista, o que fazer? que providências tomar para uma política dentro do cinema?

O interesse das discussões conduzidas pelo *LEF* deve-se à sua radicalidade. Preconiza-se escapar do “encenado”, do artifício e a lógica dessa orientação leva a se querer escapar, pela via da informação, da difusão de conhecimentos, da interatividade, da institucionalização do cinema. Os projetos de quiosques de informação (principalmente de Klutsis) compreendendo jornal, rádio, cinema, telégrafo, aqueles de Lissitzky – notadamente a “Tribuna Lênin”, praticável encimado por uma tela gigante na qual a multidão pode se ver ou visionar as notícias mundiais –, visam assim a *expandir* o cinema atualizando as utopias da

comunicação total que haviam sido sonhadas no século XIX no momento em que apareceram essas mídias.

Intervindo em um número seguinte à publicação do debate do qual ele não pode participar (*Novyi Lef*, n.3, 1928), Boris Arvatov leva bem longe a lógica dessa reflexão preconizando deixar a sala de projeção: segundo ele, pouco importa que o filme seja “de direita” ou “de esquerda”, que se trate do *Décimo-primeiro ano*, de Vertov, ou do *Ladrão de Bagdá*, de Fairbanks, o lugar atribuído ao espectador prevalece sobre o discurso do filme. Arvatov empreende assim antes de Foucault uma teoria do “dispositivo”.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

**A evolução da teoria da
crise em Marx**

Francisco Paulo Cipolla

O dinheiro como mercadoria

Claus Germer

**Origens do
modernismo alternativo**

David Craven

O volume 4.3 da MEGA

Jorge Grespan

**O lulismo como bonapartismo: uma
crítica às teses de André Singer**

Armando Boito Jr.

37

ALBERA, François. LEF, cinema e revolução na Rússia soviética. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.40, 2015, p.83-85.

Palavras-chave: EF; cinema; revolução; URSS.